

versão, reversão e conversão

CARLOS SAUL R. DUQUE, aluno do Curso de Comunicação da FABICO/UFRGS.

Massacre!
Massacre de uomo!
Matança!
Matança de donna!
Eu vi, eu vi, eu vi
em Jornal Nacional!
Massacre, Os Titãs

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo: Brasil
Telejornalismo: Brasil: críticas

1 INTRODUÇÃO

Vítima de incontáveis teses, pesquisas, ensaios e críticas, a Rede Globo de Televisão vem mantendo ano a ano a hegemonia da audiência em vídeo no Brasil. Considerada como a maior rede de televisão “nationwide” do terceiro mundo, só encontrando adversários de mesmo nível nos Estados Unidos, prima cada vez mais pela sofisticação visual de seus programas e pela conquista de novos territórios, tais como a comercialização de vídeo, grafismo computadorizado, música, tecnologia de data ou mesmo indústria alimentícia. Com quinze horas de sua programação diária constituídas de produção própria, possui sete estações e 46 filiadas espalhadas por todo o território nacional, alcançando com isso mais da metade da extensão territorial da América do Sul com suas novelas, programas e noticiários.

Esta produção própria é, sem dúvida, a mola mestra da Rede Globo de Televisão. Nas telenovelas, consideradas por Caetano Veloso *a educação sentimental da classe média nacional* se encontra o coração da rede; os programas de auditório são as mãos, que batem palmas incessantemente; o humor e a música constituem os pés, marcadores do ritmo da emissora e do país.

Este trabalho é uma análise do cérebro da Rede Globo: seus programas jornalísticos, particularmente o Jornal Nacional (JN), sem dúvida o mais importante deles, pela carga de ideologia que possui e transmite. O carisma de seus apresentadores, a escolha de assuntos, a programação visual, o destaque dado a cada notícia, são detalhes que talvez passassem despercebidos se encarados individualmente. Entretanto, colocados juntos e bem empregados por profissionais competentes são armas valiosíssimas na formação da opinião pública, na deflagração de idéias e sentimentos. Este trabalho não se destina ao (re) levantamento de bandeiras ou ao ataque a ideologias, mas sim a análise o mais imparcial possível da estrutura, métodos e pontos negativos e positivos da maior audiência do Brasil. E responder uma simples pergunta: o que é o Jornal Nacional?

2 PEQUENO HISTÓRICO

O Jornal Nacional foi ao ar pela primeira vez na noite de 1º de setembro de 1969. Chamado anteriormente de *Jornal da Globo*, mudou de nome a partir da utilização do satélite de comunicações pela televisão brasileira. Em sua primeira edição apresentou notícias via satélite de Porto Alegre, São Paulo e Curitiba. O circuito de Brasília da Embratel ainda não havia sido inaugurado.

Os apresentadores foram Cid Moreira e Hilton Gomes. Por coincidência, nesse mesmo dia de estréia o presidente da República, General Costa e Silva, foi substituído no comando da nação por uma junta formada pelos três ministros militares (ver obs. 1). Razão: problemas de saúde. Outra curiosidade é que a primeira pessoa a receber cobertura e ter sua imagem veiculada pelo JN foi o então ministro da fazenda Antônio Delfim Neto, sem dúvida a autoridade que mais utilizou a televisão brasileira durante a década de 70.

Tendo surgido no auge da repressão política, o JN foi e continua sendo classificado como um mero instrumento do governo na divulgação e sustentação de sua ideologia. Essa posição de porta-voz extra-oficial do governo trouxe, contudo, mais vantagens do que problemas, mais popularidade do que desprezo ao JN. Com os caminhos abertos, o JN tem sido ao longo dos anos o principal assimilador de todas as novidades tecnológicas introduzidas na televisão brasileira. Ponta de lança da inovação técnica, criou uma variante tropical do telejornalismo norte-americano, com características bem peculiares e estantes, tanto que Cid Moreira é até hoje o principal apresentador do Jornal.

3 OS APRESENTADORES: O CARISMA EM PRIMEIRO LUGAR

Sempre que falamos em JN, automaticamente nos vêm a imagem de Cid Moreira. E vice-versa. Após mais de 15 anos de JN os dois, homem e jornal, já constituem algo unitário, dificilmente divisível.

Essa relação nunca foi gratuita. Desde o início houve uma preocupação na escolha dos apresentadores do JN. Boa aparência, integridade, talvez até um ar de sedução mas sempre limitado e respeitador. Armando Nogueira, editor do JN, ressalta essas qualidades no livro *15 anos de História* (7) através da comparação entre o apresentador, que é o *substantivo* e o ator, o *gã*, que sempre é *adjetivo*. Ambos devem atrair o público feminino, mas a sensação de distância entre apresentador/público feminino deve ser infinitamente maior do que entre ator/público. Essa distância tem como objetivo provocar no telespectador masculino um sentimento de confiabilidade em relação ao apresentador: enquanto que o ator sempre é um rival, aquele com o qual as mulheres gostariam de ter uma relação mais estreita, o apresentador é aquele que lida com a verdade e, portanto, deve assumir uma atitude mais sóbria e respeitadora. Com sua aparência de *tio bonzinho*, Cid Moreira e seus colegas não deixam margem a interpretações maldosas. Tal comportamento é inclusive exigido dentro e fora da emissora; o apresentador deve ser sempre o *substantivo*, o homem respeitado e respeitador, em última análise o conselheiro da família.

Nos últimos tempos o JN vem desvinculando homeopaticamente a ligação Cid/jornal. Ele não apresenta mais a maior parte do jornal e às vezes não é ele o escolhido para a leitura das principais notícias. A razão parece ser lógica; a transcendentalidade do JN não pode depender da imagem de um só homem. Seu repentino desaparecimento desta forma poderia causar uma comoção tão grande no público que os índices de audiência poderiam cair irremediavelmente. O JN seria a mesma coisa sem Cid Moreira?

Portanto, o aspecto *imagem* está intimamente ligado a respeito, verdade e crédito. A face do apresentador é a face do jornal, deve transmitir a realidade esperada pela empresa, mesmo

que esta realidade seja apenas uma versão de uma realidade maior, e ao mesmo tempo tornar essa tal realidade a verdade absoluta. *Todas as informações são iguais, mas algumas informações são mais iguais do que as outras.* *Parece estar aí um dos pilares de sustentação do JN.

4 A ESCOLHA DO ASSUNTO: O FATO É SAGRADO, O COMENTÁRIO É LIVRE. E A VERSÃO?

O que é objetividade em jornalismo? Questão que nasceu junto com o próprio jornalismo, freqüentemente ela é confundida com a verdade absoluta; ora, esta suposta objetividade nada mais é do que um mito, pois para atingi-la deveria haver pureza de opinião e distanciamento de jornalistas, editores, emissora, câmeras, anunciantes e todos aqueles indivíduos envolvidos, direta ou indiretamente ligados na produção de qualquer peça jornalística. A Rede Globo, imenso conglomerado financeiro com ação em diversas áreas, não poderia fugir a essa realidade.

A edição de notícias é a alma de um jornal e representa, necessariamente, a opinião de seus proprietários. Com maior ou menor sutileza é possível detectar esses traços em cada jornal, telejornal, revista, etc. No JN, essa sutileza é marca registrada. Através da escolha da notícia e o espaço dado às diversas facções envolvidas nela, verificamos que a Rede Globo de Televisão pretende veicular. No entanto, nem sempre é fácil detectar essas sutilezas. No caso da simples supressão, por exemplo, isto fica difícil de perceber se não é usado outro veículo como meio de comparação.

A partir da análise do JN de 08 de nov. de 1986, sábado, tendo como comparativo o Jornal da Manchete do mesmo dia, é possível esclarecer de que maneira é feita a versão e às vezes a manipulação da notícia.

A maioria das notícias não veiculadas pelo JN são negativas, ou seja, falam de seqüestro, polícia e tortura, matérias de interesse público, mas indesejáveis para uma noite de sábado (verificaremos mais tarde porque). As outras falam quase que exclusivamente de movimentos considerados de esquerda ou, em um único caso, sobre crise no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB, MG). No caso de um seqüestro em Brasília, é inquestionável que haveria cobertura por parte da Rede Globo se: os pais da criança fossem ricos ou; os pais da criança fossem notórios ou mesmo; se houvesse volumoso pedido de resgate.

Afinal quem se interessa por uma criança anônima e filha de pais pobres?

Em um assassinato político de Sergipe, um fato curioso: enquanto a Manchete entrevistava uma pessoa que estava ao lado da vítima na hora do crime, a Globo entrevistava o secretário de segurança do estado que afirmava não ter o assassinato nenhum caráter político. Enquanto os populares da Manchete falavam em tensão na cidade, os populares da Globo não sabiam nada sobre o ocorrido.

No noticiário internacional a Globo ressaltava a violência de um protesto ecológico na Alemanha; a Manchete preferia falar sobre os talvez irreparáveis estragos ecológicos que a explosão de uma fábrica suíça causou ao rio Sena, fato que provocou os protestos.

É inadmissível que um jornal dito nacional se omita de assuntos de importância como os citados acima. Pior ainda, que através de truques sutis manipule a opinião pública com relativo sucesso, salvo raros e bissextos casos como a sucessão estadual carioca de 1982 (a partir daí a Globo repensou sua posição na campanha das diretas e resolveu trocar de lado, e é inquestionável que esse foi um dos fatos que mais ajudou a difundir o *Muda Brasil, Diretas Já*). Sem dúvida, é daí que provém a imagem de porta-voz governamental que o JN possui. Com a desculpa da síntese objetiva, o JN violenta seguidamente o noticiário nacional, e com a imagem consolidada e vinculada à verdade absoluta de seus narradores, seguidamente manipula a opinião pública a níveis assustadores.

*No original: "Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros". (6, p.128)

Em relação ao Jornal da Manchete, o JN deixou de veicular uma série de fatos que, ao mesmo tempo em que são importantes, possuem um caráter negativo. Notícias que falam de seqüestro, polícia, tortura.

5 O HORÁRIO NOBRE: JN, UMA ILHA ENTRE AS NOVELAS

Uma terceira questão que traz luz ao tipo de estrutura e complementa o conjunto de características do jornal aqui abordados é o caráter comercial e ligador que este possui (ver obs. 2). Estando encravado entre duas novelas de importância comercial capital para a Rede Globo, fica claro que o JN não pode fugir às características destas. Ele seria, portanto, um momento de realidade entre as duas ficções apresentadas pela emissora, mas da mesma forma teria que desempenhar um papel de elo entre elas; ao mesmo tempo que deve manter a audiência (genericamente) feminina em frente ao televisor, o JN deve captar o telespectador que não assiste a novela das sete, injetar-lhe uma suave dose de prazerosa informação e prepará-lo psicologicamente para a novela que vem a seguir, de conteúdo mais sério e maduro.

Uma simples questão de marketing: a retirada das questões desagradáveis e reflexivas (ver obs. 3) da pauta do JN proporciona ao telespectador um jornal leve, digerível, que não estraga o humor de ninguém para o que vê em frente, pois ninguém tem espírito para assistir a uma ficção sobre problemas amorosos e existenciais após tomar conhecimento dos males e tragédias do mundo, falando exageradamente. Não há dúvida que a audiência do JN deve muito a esta posição de recheio que ele ocupa, juntando assim dois tipos de audiências distintas. O problema é que de informativo, pouco a pouco ele está passando a recreativo.

6 CONCLUSÃO

Apesar de todos esses pontos negativos, não podemos negar que o JN exerceu um papel importante nas telecomunicações nacionais. Sim, ele foi um instrumento dos governos militares na medida que transmitiu, em rede nacional, uma ideologia e uma visão da realidade nacional extremamente particulares. Mas ao mesmo tempo ele tem sido um meio de comunicação que al cança a maioria dos lugares do país prestando inegáveis serviços à população, desde que estes não tenham nenhuma conotação política.

Como fator de integração e laboratório de novas técnicas em comunicação o JN cumpriu papel relevante. A questão é: até que ponto é válida esta prestação de serviços quando a mensagem carrega tal carga ideológica? Será que o modelo escolhido é capaz de sobreviver ao crescente esclarecimento da população?

O JN é um exemplo de competência em organização e racionalização de serviços. Seus profissionais são de gabarito, a tecnologia empregada é de primeira. Mas, ano a ano ele vem se tornando mais vulnerável às comparações com outros telejornais e transparente em suas deficiências jornalísticas. Resta saber se isto está sendo levado em conta por seus editores e se algo está sendo feito para modificar esta situação. Afinal, a Rede Globo de Televisão não é o Ministério da Verdade, nem Roberto Marinho é o Grande Irmão. E já faz dois anos que 1984 ficou para trás.

“Não se revoltarão enquanto não
se tornarem conscientes,
“Não se tornarão conscientes
enquanto não se rebelarem.”

ORWELL

7 OBSERVAÇÕES

1 A junta era formada pelo General Aurélio Tavares, pelo Almirante Augusto Rademaker e pelo Brigadeiro Márcio de Souza e Melo.

2 É interesse notar que audiência do JN aumenta ou diminui proporcionalmente ao sucesso da novela das 8 horas.

3 “Nós temos de avaliar o peso e o tempo de cada matéria. Muitas vezes, porém, tempo e importância não têm nada a ver. O importante é o modo pelo qual uma história é contada. Costumo repetir o que aprendi em redação de telejornalismo: eu não faço um jornal, no sentido clássico do termo; eu faço um ‘programa de notícias’, o que é muito diferente. (. . .) O Jornal Nacional, especialmente por causa do horário em que entra no ar, não pode ser um anunciador de desgraças. Temos um indeclinável compromisso com a informação. Se houve um crime, um seqüestro, um assalto extremamente violento ou uma catástrofe em qualquer lugar do mundo, temos de registrar o fato e transmitir a informação, mas de forma que o espectador não fique emocionalmente perturbado.”

Fábio Perez, editor do JN (7, p. 270-2)

8 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 BRITTO, Sérgio & FROMER, Marcelo. Massacre. In: Os Titãs. *Televisão*; gravação de com. São Paulo, Wea, 1985.
- 2 BURGER, William & MARGOLIS, Mac. Brasil's Powerfull TV Globo. *Newsweek*, New York, 106 (37): 45, 23 sept. 1985.
- 3 CADERNOS INTERCOM. Objetividade jornalística: Ética e Técnica. São Paulo, v. 3, n. 7, set. 1985.
- 4 LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Petrópolis, Vozes, 1982. 116p.
- 5 ORWELL, George. 1984. 16. ed. São Paulo. Ed. Nacional, 1983. 277p.
- 6 ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. Rio de Janeiro, Globo, Nacional, 1984. 135p.
- 7 REDE GLOBO DE TELEVISÃO. *15 anos de História*. Rio de Janeiro, 1984. 350p.
- 8 SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito Além do Jardim Botânico*, um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional, da Globo, entre os trabalhadores. São Paulo, Summus, 1985. 163p.